

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

SAÚDE MENTAL FEMININA: SOFRIMENTO E CUIDADO DE MULHERES NEGRAS E ETHOS DAS RELIGIOSIDADES DE MATRIZES AFRICANAS

CRUZ, Adélcio de Sousa; LEÃO, Maria Cristina. ¹

Resumo:

As memórias de mulheres negras podem revelar suas estratégias para construir possibilidades de existências e resistências tanto no campo da saúde mental, quanto no âmbito sociopolítico. Este texto traz um breve histórico sobre a trajetória da luta desde África ao Brasil, no tocante à reconfiguração das identidades a partir de três recortes: mulheres africanas (bantu; iorubas; jejes; por exemplo); a transformação feita pela colonização europeia em mulheres "negras escravizadas" (reificadas) no Brasil colônia e Império e, por fim, nos séculos XX e XXI: processos de ressignificação das identidades de mulheres negras, seja via *ethos* de matrizes africanas, seja pelas especificidades dos feminismos negros nas Américas, em especial no Brasil. Espaços sagrados e mitos femininos da cultura iorubá são tratados como referenciais para demonstrar que tais existências marcadas pelo impacto de vulnerabilidades, são reconstruídas no enfrentamento constante a tais adversidades. Comparamos as novas identidades negras femininas aos conceitos psicanalíticos "corpo objeto" e "corpo sujeito". As considerações finais passam por referenciais outros que não unicamente aqueles embasados nas culturas e em modos de identificação somente eurocêntricos de sujeitos, seja nos campos da psicanálise, seja no âmbito sociopolítico.

Palavras-chave: Saúde mental; "Corpo-sujeito"; "Corpo-objeto"; Religiosidade de matriz africana; Diáspora africana;

¹ Adélcio Cruz é doutor em Literatura Comparada e professor do PPGLetras/UFV e do Departamento de Letras (UFV); Integrante da Comissão Editorial do Portal **literafro** (www.lettras.ufmg.br/literafro) adelcio.cruz@ufv.br e adelcio.sousac@gmail.com; Cristina Leão é psicóloga com Especialização em Arteterapia; Cursa formação em Psicanálise (SBPRJ); cris.leao22@gmail.com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

1. À guisa de introdução: um breve mergulho nas águas da Bahia.

Sendo assim, tornou-se indispensável descongelar, desfossilizar, por assim dizer, aquela história africana que estava nas mãos, sem vida, aprisionada em documentos.
Cheik Anta-Diop

O escaler que carregava o padre já estava se aproximando do navio (...). Amarrei meu pano em volta do pescoço como a minha avó fazia, e saí correndo pelo meio dos guardas. Antes que um deles conseguisse me deter, pulei no mar. A água estava quente, mais quente que em Uidá, e eu não sabia nadar direito. Então me lembrei de Iemanjá e pedi que ela me protegesse, que me levasse até a terra. (...) Ir para a ilha e fugir do padre era exatamente o que eu queria, desembarcar usando o meu nome, o nome que minha avó e minha mãe tinham me dado e com o qual me apresentaram aos orixás e aos voduns.

(GONÇALVES, 2006, p. 63).

Diferentemente do romance, a viagem das costas africanas às Américas e ao Caribe não foi registrada em lances tão ágeis de uma criança. Os verbos “capturar”, “acorrentar”, “castigar” e “vender” eram os mais utilizados pela narrativa sem o tom ficcional que os livros de História que nossa geração, nascida depois de meados do século XX, foi “apresentada” nas escolas. (...) . Parecia iniciar-se ali, a partir do texto ficcional de Ana Maria Gonçalves e tantas outras escritoras da diáspora africana, a retomada/reconstituição memorialística da luta do “corpo sujeito” para escapar da sina de “corpo objeto”.

A trajetória da personagem baseada na figura de Luiza Mahin, no romance de Ana Maria Gonçalves (2006) é nomeada Kehinde. A cena que escolhemos como epígrafe desta seção introdutória recria ficcionalmente episódios em que as pessoas negras trazidas de África protagonizam ações de manutenção de suas “identidades”, sejam estas representadas no nome de nascimento em terras africanas, sejam as múltiplas manifestações de religiosidades e saberes – estes últimos advindos tanto do âmbito das técnicas trazidas de África quanto da filosofia. Parafrasearemos aqui o verso de Nei Lopes: no navio que deram a denominação de tumbeiro ou negreiro, viajaram nos porões corpos repletos de inteligência e identidades.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Esta “abertura” dialogando com a História, a partir de textos literários, é com o intuito de nos aproximarmos de subjetividades narradas/cantadas, como apontou o escritor Ferréz, “de dentro do tema”, pelas vozes, mesmo que inconscientes da profundidade de nossas conexões profundas com as matrizes civilizatórias africanas. É imperativo mencionar a autora pioneira na desconstrução das personagens negras estereotipadas e sem profundidade psicológica: Maria Firmina dos Reis e seu romance *Úrsula* (...). Verbos como “olhar” e “pensar” são apenas dois exemplos que passaram a modificar a representação da comunidade negra advinda de África, nas narrativas brasileiras do século XIX. Embora, para leitores do séc. XXI possa parecer pouco, tais modificações somaram-se às poéticas de Domingos Caldas Barbosa, Luiz Gama, Machado de Assis e Cruz e Sousa.

Interessante ainda mencionar uma característica da escravidão no Ocidente, de acordo com Orlando Patterson (2008) que, a partir do Império Romano transformou legalmente a pessoa escravizada em “coisa”, “objeto”. Esta operação de retirada da condição de humanidade, a partir do final do século XV até o séc. XIX, permitiu que milhões de pessoas do continente africano fossem transportadas como “peças”, mesmo após a proibição do tráfico. Esta não condição de humanidade trouxe à tona o conceito de “morte social”, que podemos identificar em diversos personagens literários. Gostaríamos de destacar especialmente dois romances de Lima Barreto – *Clara dos Anjos* e *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (2010) – nos quais é possível identificar a “morte social” das personagens, que se apresentam ainda demarcadas por três linhas: “linha de cor” (DU BOIS, 2021), “linha de gênero” e “linha de classe”. As duas narrativas de Lima Barreto são ambientadas das primeiras décadas do séc. XX, porém a “morte social” que estava presente como fator capital ao escravismo, é readaptada tanto na passagem de século e regime político quanto à mudança do sistema econômico, no qual a mão-de-obra escrava deveria deixar de existir. Entretanto, o que se arrasta até nossos dias é esta “sombra” mortal realçando a diferença entre duas condições que a Psicanálise denomina “corpo-objeto” e “corpo-sujeito” (FREUD, 1996 e 2016).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

1.1. Breve recorte temporal...

Convidaremos nosso público leitor a repensar a narrativa “oficial” sobre nosso passado, seja durante o período em que ficamos sob o jugo da Coroa Portuguesa quanto o período Imperial, a partir de 1822, em especial neste ano do bicentenário da nossa “independência” político-econômica... Propomos a possibilidade de analisar aquele conjunto, antes denominado apenas como “escravos africanos” – expressão que, por si só, apontava diretamente para a “naturalização” de condição subalterna. E mais ainda, pensemos, dentro desse grupo, no contingente feminino a partir de três marcadores do que denominaremos percurso dos processos identitários de mulheres negras:

I) mulheres africanas (bantu; iorubas; jejes; cabindas, por exemplo);

II) a colonização europeia as transforma em mulheres "negras escravizadas" (reificadas) no Brasil colônia e Império (diáspora africana no Brasil);

III) séculos XX e XXI: processos de ressignificação das identidades de mulheres negras, seja via *ethos* de matrizes africanas, seja pelas especificidades dos feminismos negros nas Américas, em especial no Brasil e América Latina;

Imaginemos então, em relação ao primeiro momento em que as mulheres eram denominadas/conhecidas pelas marcas de pertencimento étnico: iorubas, bantus, jejes, zulus, massais... Poderíamos conjecturar que a “morte social”, a qual será conhecida a partir da máquina escravista ocidental, tais mulheres desfrutassem da liberdade de seus “corpo-sujeito”. Imaginemos...

Já o momento seguinte, a partir da “máquina mercante” e toda estrutura de dominação do escravismo das metrópoles europeias impondo-lhes a condição de “não ser”, transformando-as em “corpo-objeto”, destituindo-as de sua humanidade com a “morte social”. Retomaremos aqui algumas das nomeações que cruzaram terras, águas e o tempo – especialmente no tocante sua trajetória em território, hoje, brasileiro: “amas de

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

leite”, “mucamas”, “escravas de ganho”. Estas nomenclaturas povoam não apenas nosso vocabulário, percorrem as narrativas da História, Antropologia, Imprensa, Literatura e Artes. Quando trazemos à tona de tantas águas temporais, o conceito de “morte social” consome o “açucarado” ideário tecido a partir de Gilberto Freyre e esgarça – melhor grafar rasga – profundamente a cortina tropical e falaciosa da “democracia” dentro do “cadinho das três raças”.

Os estudos que, principalmente, começaram a ganhar visibilidade do “grande público” despontam a partir do Centenário da Abolição, no ano de 1988. Some-se ainda a este “despertar”, obrigatoriamente, a longa trajetória dos movimentos negros, com destaque à recente maior visibilidade dos movimentos femininos negros. Percebe-se, atualmente, que as releituras e ressignificações da condição negra, desde o início da diáspora africana para as Américas, realçaram as movimentações de reconquista pela comunidade negra de seus “corpos-sujeitos”, esforço e reconstrução constante: romper a “morte social”, despir-se do “corpo-objeto” e fazer com que possa emergir o “corpo-sujeito”.

1.2. Primeiras estratégias de luta...

As memórias de mulheres negras apontam para suas estratégias para se constituírem e construírem suas possibilidades de existências e resistência às realidades hegemônicas. Os espaços sagrados e os mitos femininos da cultura iorubá configuram as referências para se situar numa existência marcada pelo impacto de vulnerabilidades resultantes do racismo estrutural e do sexismo que estruturam a nossa sociedade. Devemos mencionar a necromáquina escravista que nos ronda, como um fantasma e que hoje se materializa na necropolítica (MBEMBE, 2018) contemporânea. Agora, parece não ser o bastante tornar o “corpo-sujeito” em “corpo-objeto”, via “morte social”: elimina-se por definitivo o corpo, mesmo que objetificado e violentado psicologicamente.

As mulheres negras criaram estratégias de cuidado da comunidade, fosse nos meandros e frestas durante a lida cotidiana ora com a “linha de cor”, ora com a “linha de

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

gênero” e, mais recentemente com o acréscimo da “linha de classe”, formando uma tríade difícil de ser “evitada”. Podemos mencionar o espaço das comunidades religiosas de matriz africanas que, no Brasil em especial, conseguiram se estabelecer de modo diferenciado com o que ocorreu aos africanos da diáspora que aportaram na América do Norte. Listamos, brevemente, os terreiros de candomblé, as irmandades do Rosário (fenômeno hoje denominado bantu-catolicismo) e, ainda, a umbanda, manifestação religiosa que agrega a cosmogonia dos povos originários às matrizes africanas e às de religiões europeias.

Trazemos o poema de autoria da escritora e pesquisadora Lívia Natália (2017, p. 53) para ilustrar a presença grafada, performada na página e que ecoa as correntezas – mesmo as do tempo, dançando entre pedras.

Iyá Osun

Nesta casa quieta onde vives
as pedras, limosas e calmas,
são brutas de tanto afeto.

O breve poema parece mimetizar o perigo sempre à espreita em cada curva do tempo, dos rios e das ruas para as águas-mulheres de negras peles. A vida parece ser apenas instante, brecha entre uma das três linhas que sitiam os corpos das comunidades negras e, com maior incidência, sobre os corpos das águas-mulheres. Ali, nos versos do poema, o “corpo-sujeito” se fez fugidio e fluído, sempre em movimento, mesmo que se disfarce sob o limo, na brutalidade mineral mínima, grão que foi pedra e poderá, de alguma forma fluir/movimentar-se na (in)consciência do rio. Entretanto, traremos outra paráfrase, desta feita, referenciada em Paulo Lins: o negócio aqui, não se trata apenas de poema e histórias, é a cisão psíquica provocada pelo crime do racismo...

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

2. Saúde mental e sofrimento psíquico

Poesia à parte, o sofrimento psíquico é uma das consequências mais nefastas do racismo nossa sociedade. Pensar-se a si num contexto em que a cor de sua pele é alvo de discriminação, buscar seus ideais e valores mais profundos, sentir a alma habitar o seu corpo e o corpo encorajar-se numa existência significativa, sustentar uma existência e um sentimento de si positivo, conectar com sua ancestralidade e potencializar sua herança cultural, configura-se um dos maiores desafios psicológicos postos a uma pessoa negra neste país após a abolição da escravatura, desenvolveu uma forma sofisticada de racismo.

Estamos sempre tentando renomear e/ou remapear as metamorfoses da violência racial, numa miríade de expressões e conceitos como “linha de cor” (DU BOIS, 2021), “peles negras, máscaras brancas” (FANON, 2008), “morte social” (PATTERSON, 2008), “pacto da branquitude” (BENTO, 2022), ou ainda, “o meu negro interno” (NASCIMENTO, 2015); “a cor do inconsciente” (NOGUEIRA, 2021). A trajetória percorrida até aqui, seja por grupos mais organizados, seja por intelectuais e/ou militantes mais afeitos à solidão, é o registro de muitos percursos em busca desse imperfeito e quase impossível mapa, que nos dê pistas, por menores que sejam, no desejo de reparar o dano não visível nos territórios do (in)consciente.

Retomaremos a arte, mesmo que o tema seja o corpo e suas invisíveis dores. A imagem não representará com exatidão o corte ou a profundidade da chaga. Du Bois já nos alertou sobre a invisibilidade da “linha de cor” e de nossa precária aparência quando nos representavam apenas como “corpos-objetos” ... Vejamos o que nos instiga o trabalho de Rosana Paulino, reunido na exposição “Rosana Paulino: a costura da memória”

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

canto-poemas ancestrais, impregnam de movimento e vida a imagem sagrada, até então inerte. E ademais, nossas considerações não-finais parecem remeter à inconclusão... E se por qualquer motivo ou capricho, o balé dos “corpos-sujeitos” e dançarinos tambores não ressoarem em movimentação da santa? E se num contracanto soprar outro vento?

3. Considerações finais...

Saudável deveria ser a memória? Estamos, mesmo à revelia em constante exercício de rememorar à felicidade, às agruras e, na maior parte do tempo, paradoxalmente, deixar de perceber a presença das dores... É como se o “corpo-sujeito”, por mais fraquejado que estivesse, resistisse a todo instante ao jugo nada desistente do “corpo-objeto”. O oriki e o canto-poema são performances de “corpos-sujeitos” cujo (in)consciente tem cor... “Mas será o Benedito”? Aquele mesmo, o “santo preto em igreja errada” ... Vamos deixa-los aqui, brevemente, na companhia de uma dentre milhares de “vozes mulheres”, expressas nas palavras de Beatriz Nascimento (2015, p. 66):

Cura

Quem diz que se recupera tecido todo desfeito
Em tramas que, já sem jeito, afirma ser aqui o lugar?
Será preciso cerzideira, sábia e bordadeira
Difícil de encontrar o ponto final da teia
(...)

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Referências

BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. 2 ed. Introdução de Alfredo Bosi; prefácio de Francisco de Assis Barbosa; notas de Isabel Lustosa – São Paulo: Peguin Classics Companhia das Letras, 2010.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DIOP, Cheik Anta. **Precolonial Black Africa**. Translated from French by Harold J. Salemson. Westport/Connecticut: Lawrence Hil & Company, 1987.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. Ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Veneta, 2021.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Prefácio de Lewis S. Gordon. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). Tradução Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Introdução ao narcisismo. **S. Freud Obras Completas** (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 63.

LEÃO, Maria Cristina. Corpo-psíquico e corpo-objeto: questões a partir de obras artísticas de Rosana Paulino. Apresentação oral. In **28º Congresso Brasileiro de Psicanálise – Laços: o Eu e o Mundo** (Evento virtual). Rio de Janeiro, março de 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NATÁLIA, Livia. **Sobejos do mar**. 1 ed. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. **Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**/ organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes. Ilustrado por Iléa Ferraz e revisado por José Henrique de Freitas Santos. Salvador: Editora Ogum’s Toque Negros, 2015.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

NOGUEIRA, Isildinha B. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2021.

PATTERSON, Orlando. **Escravidão e morte social**: um estudo comparativo. Tradução de Fábio Duarte Joly. São Paulo: Edusp, 2008.

PAULINO, Rosana. **Rosana Paulino: a costura da memória** / curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery; textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma -- São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Ou às vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Ed. Zahar, São Paulo, 2021.